



## Editorial

Extensão e passagem: por que a universidade deve buscar formas de ir para além de seus muros?

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Thays da Cruz Silva**

Doutoranda em Análise do Comportamento pela  
Universidade Estadual de Londrina

Se não estamos aptos a fazer perguntas céticas para interrogar aqueles que nos afirmam que algo é verdade, e sermos céticos com aqueles que são autoridade, então estamos à mercê do próximo charlatão político ou religioso que aparecer. [Carl Sagan]

Se lhe perguntassem o nome de cientistas ou pesquisadoras(es) do Brasil, você iria saber responder? Como você está em contato com este editorial, provavelmente tem proximidade com o mundo acadêmico, logo meu palpite é que sim. Mas, você acredita que as pessoas que não estão dentro das universidades saberiam responder? E se nós estendermos a pergunta para outras áreas, como cinema, arte e filosofia; em média, a nossa população saberia responder?

Uma enquete nacional (Castelfranchi, 2013) demonstrou que a população brasileira tem abertura e simpatiza com a ciência e tecnologia. Mas, quando solicitado para falar o nome de cientistas brasileiros, poucas pessoas souberam responder. Essa situação ilustra um

quadro frequente e preocupante: nossa população não conhece a ciência brasileira, melhor dizendo, não conhece as pessoas responsáveis por produzi-la. É uma pesquisa antiga, e apesar de terem passado 10 anos, durante o período da pandemia ficou evidente o abismo entre ciência e população.

Carl Sagan, divulgador científico que ganhou fama com o programa de TV Cosmos na década de 1970, foi enfático durante toda a sua carreira ao anunciar os perigos do distanciamento entre ciência/tecnologia e população. O autor comenta que os elementos fundamentais que sustentam a sociedade são construídos com base em ciência e tecnologia, como sistemas eleitorais, transportes, comunicações e indústrias, são totalmente dependentes de tecnologia e ciência. Porém, ao mesmo tempo, foi criada uma situação na qual poucos compreendem a ciência. Isso acaba criando um campo fértil para o negacionismo e pseudociências (Cf. Sagan, 2006).

Em um contexto de sociedade construída com base em ciência e tecnologia, na qual a população não compreende esse tema, surge um impasse: quem irá tomar as decisões sobre ciência e tecnologia que são responsáveis por produzir nosso futuro? Essa decisão fica reservada aos políticos, que em geral não compreendem o assunto. Sem base a respeito da ciência e tecnologia, como a população poderá exercer controle, questionar e avaliar as decisões governamentais de políticos? Para exercer esse papel precisamos enquanto cidadãos, de uma formação básica de ensino de ciência e tecnologia.

No Brasil, a ciência é quase exclusivamente produzida na academia, sobretudo em instituições públicas voltadas para o ensino superior, pois são elas as principais responsáveis pela condução de pesquisas (Cf.

Pires da Silva, 2020). Por isso, falar de distanciamento entre ciência e sociedade, implica em destacar o abismo entre o que é vivenciado e produzido dentro das universidades e sua relação com a população. Quase como se fossem realidades apartadas, desconectadas.

A mistura perigosa entre avanço tecnológico e distanciamento científico é perfeitamente observável na intensificação de movimentos negacionistas. Com a crescente propagação de informações nas redes sociais, movimentos negacionistas e *fake news* ganharam mais força - há inclusive financiamento para tal. O movimento antivacina é um exemplo de negacionismo, que infelizmente foi fortalecido durante o período da pandemia de Covid-19. Além disso, ondas de fake news eram frequentes, como as de adulterações do número de casos de covid, além de ser observada minimização das consequências da pandemia por parte do presidente da república. Outro exemplo é o quanto a propagação de fake news foi determinante nas eleições ocorridas em 2016 nos Estados Unidos (Moreal, 2021). É evidente, portanto, que esse distanciamento científico está associado a consequências sociais danosas e interfere em questões como política e saúde.

É urgente maior conexão entre academia e população. Existe uma compreensão de que as atividades das universidades devem estar conectadas à realidade da população. Por isso, a **extensão**, junto ao ensino e pesquisa, compõe o chamado tripé do ensino superior (Pires da Silva, 2020). Atualmente essas atividades de extensão integram 10% da carga horária dos cursos de graduação (CNE/CES nº 7, 2018).

A extensão universitária busca manter diálogo entre produção científica e sociedade, pois

conectam a universidade a seus beneficiados e beneficiadores diretos. Logo, uma das funções da extensão é fornecer um canal de comunicação no qual a sociedade possa falar e ser ouvida pela comunidade acadêmica (Pires da Silva, 2020).

O outro lado da extensão é o de entrega para a comunidade. Com essas ações é proporcionado acesso e conhecimento e prestação de serviço. Principalmente, é uma forma de democratizar o acesso a conhecimento e tecnologias decorrentes de pesquisas, por permitir acesso e contato a populações vulneráveis e excluídas do acesso ao ensino superior (Pires da Silva, 2020).

A contexto de nosso tema, esta edição da Anansi se constitui por uma particularidade importantíssima, relacionada a esse movimento de aproximação entre academia e comunidade. Esta edição é composta por produções relacionadas às atividades realizadas durante o **Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema** (EBAFIC), realizado na Biblioteca Central de Salvador-BA entre os dias 14 e 15 de setembro de 2023.

O EBAFIC teve o intuito de reunir artistas, pesquisadores, acadêmicos, estudantes e demais pessoas interessadas com o objetivo de promover diálogos sobre filosofia, imagem e cinema entre a academia e a comunidade. Aproximadamente 250 pessoas participaram do evento sediado na biblioteca Central do Estado, no centro de Salvador-BA.

O principal ponto a ser destacado com a realização do EBAFIC é a qualidade da interação entre os diferentes grupos que participaram do evento: estudantes secundaristas, de graduação, pesquisadores da pós-graduação, artistas da comunidade, escritores baianos e outros membros da sociedade civil interessada.



Palestra “O Algoritmo da Imagem”. No Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema, Salvador, 15 de set. de 2023.

Realçamos em especial, a participação desse público, que apresentou questões e comentários valiosos, proporcionando um encontro com ricas interações, que certamente produziu efeitos valorosos naqueles que estavam presentes.

Outro grupo de pessoas importantes são as envolvidas na organização e responsáveis pela produção intelectual (isto é, que fizeram apresentações orais e produziram material escrito, visual e audiovisual expostos durante o evento), que são acadêmicas, mas não apenas. São também artistas, influencers, pessoas que trabalham com divulgação, artes visuais ou escrita, engajados política e culturalmente (conselhos de cultura, gestão de projetos comunitários, culturais, organização política, etc.). Muitas delas são pessoas que cresceram em comunidades periféricas ou no interior, que hoje lutam por mudanças e denunciam pela arte ou pelos meios acadêmicos situações de opressão, de exploração, discriminação, agendas sócio-políticas, mas que também falam esperanças e emoções. Falaram de feridas, lutas e alegrias sentidas individualmente no próprio corpo e ao mesmo

tempo, vivenciadas coletivamente por tantas outras pessoas.

Esta edição é composta pela publicação de transcrições de palestras, mesas, oficinas, resenhas dos três curta-metragens exibidos e dos livros dos escritores convidados. As variadas atividades do encontro promoveram debates de questões acadêmicas e realidades sociais e políticas. Na mesa de abertura “O que deve o Estado a arte?” O Prof. Flávio de Deus, pesquisador de tópicos de economia da arte, Iya Márcia d’Ogum, Presidenta do Conselho Municipal de Políticas Públicas de Salvador e Fábio Viana, Diretor Geral do Barracão das Artes, debateram sobre o papel de entidades estatais em desenvolver e fomentar arte, sobretudo às dificuldades relacionadas ao apoio estatal na promoção da arte. Outras questões importantes abordadas foram o pertencimento e a territorialidade. Além de terem sido apresentadas iniciativas coletivas de incentivo a artes, esportes e educação.

A palestra “Estética surrealista e produção de sentido”, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosa Gabriela de Castro Gonçalves, trouxe debates



Imagens da Mesa de Abertura “O que deve o Estado à Arte?” e da Palestra “Estética surrealista e a produção de sentido” do Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema. (Salvador, 14 de set. de 2023).

tipicamente acadêmicos em torno da história da arte, com discussão temática que em geral não alcança uma parcela significativa da população. Ainda assim, possibilitou o encontro de alunos da rede básica com um tópico especial da teoria e história da arte: a criação de significado por meio do surrealismo. Na roda de conversa “A estética da escrita e a imagem do seu tempo”, com escritores regionais, foram debatidas questões íntimas acerca das construções políticas e sociais, produção de subjetividade em torno da escrita. Os autores conversaram sobre aspectos de sua constituição particular enquanto escritores e pessoas, a partir de suas vivências familiar e comunitária.

A roda de escuta “Sujeito, linguagem e urbanidade no PIXO” trouxe um olhar em torno de aspectos que permeiam o pixo como produção da urbanidade. Pedro Maia, Andressa Batista, Lucas Silva e Filipe Silva, de forma interativa e acalorada, proporcionaram um rico debate sobre os aspectos estéticos,

sociais, urbanos, coletivos e políticos, relacionados às diferentes facetas do pixo.

A palestra “O algoritmo da imagem” explicou como as imagens são dotadas de configurações que visam influenciar escolhas, pensamentos, produzir estereótipos e transmitir ideologias. Quanto à parte visual, foi realizada uma exposição da coleção de obras “Territórios enclausurados” de Nadson Portugal, que apresenta um olhar urbano a partir de uma janela no período de pandemia de covid-19.

As apresentações audiovisuais de cinema decolonial foram compostas por curtas-metragens produzidos por cineastas locais, com diferentes enfoques na temática da religiosidade. O curta “Com dois te colocaram com três eu te tiro (2021)” versa sobre alguns fatores presentes na realidade das benzedeadas, a resenha corresponde com título 5 FITAS narra a saga de auto descoberta de dois irmãos em uma data especial para a Bahia: o dia da lavagem do Senhor do Bomfim. A microssérie “AIUÊ - Escutando os Sons dos Quilombos (2018)” trata de aspectos musicais

e sonoros, ao mesmo tempo que retrata realidades sociais, étnicas e de territorialidade de comunidades quilombolas de Salvador.

Por fim, e não menos importante, foi exibido o filme documentário “Glauber Rocha em Defesa do Cinema Brasileiro”. O filme revela a visão de Glauber Rocha sobre o cinema novo, religião e políticas, além de trazer cenas da vida de Glauber, gravações e entrevistas.

Em busca de integralizar as atividades do ano com uma reafirmação de seus princípios de valorização das atividades extensionistas, nesta edição encontramos uma sessão de trabalhos dedicados à produções do EBAFIC/2023. Encontramos a transcrição das duas mesas do evento: uma sobre literatura e outra sobre pixo; e uma antologia de resenhas, tanto dos filmes da Mostra Cine Decolonial Baiano, quanto de obras selecionadas dos autores da mesa sobre a *Estética da escrita*.

Já no fluxo contínuo de trabalhos submetidos, na seção geral de artigos e ensaios trazemos trabalhos sobre Filosofia Yanomami e Filosofia Yepamahsã, Michel Foucault, Giambattista Vico, Transfilosofia e Realismo Complexo. Na seção de traduções trazemos textos inéditos de Quentin Meillassoux, Levi Bryant, José Ortega y Gasset, Daniel Dahlstrom, Edward Butler e uma tradução comentada do Diagrama da Suprema Polaridade, do filósofo chinês Zhōu Dūn Yí.

Uma educação que promova ciência e pensamento crítico, produz perguntas e reflexões que transformam os olhares e modos de agir no mundo. Pois, quantos tiveram realmente oportunidade de aprender, se deixar ser tocada por experiências artísticas? Poder se emocionar ao ver uma imagem, som, ou refletir criticamente sobre a própria realidade social é algo que não deveria ser restrito a poucos. As

atividades como as do EBAFIC possuem esse potencial de democratizar o acesso ao conhecimento, arte e cultura que por vezes são negligenciados e excluídos de grupos de pessoas.

Ciência, filosofia e arte são campos dotados de particularidades que os distinguem um do outro, mas há um elemento fundamental compartilhado entre eles: estão entre as mais grandiosas, belas e úteis invenções da humanidade. Tornam a existência humana mais fácil, valorosa e bela.

abraços,

**Thays,**

Salvador, Verão de 2023.

### Referências

CASTELFRANCHI, Yuri et al. As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o ‘paradoxo’ da relação entre informação e atitudes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 20, p. 1163-1183, 2013.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, 2021.

PIRES DA SILVA, W. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Um conceito em Construção. *Revista Extensão & Sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020. DOI: 10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491. In: <<https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/artic/view/22491>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Disponível em: <[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_RES\\_CNECESN72018.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2023.